



**Centro Universitário de Brasília  
Instituto CEUB de Pesquisa e Desenvolvimento - ICPD**

**ROSANGELA FERNANDES SILVA**

**O PROCESSO DE CONSTRUÇÃO DE SENTIDO E DE SIGNIFICADO  
NAS LETRAS DAS MÚSICAS ALEXANDRE E PODRES PODERES  
COMPOSTAS POR CAETANO VELOSO**

Brasília  
2013

**ROSANGELA FERNANDES SILVA**

**O PROCESSO DE CONSTRUÇÃO DE SENTIDO E DE SIGNIFICADO  
NAS LETRAS DAS MÚSICAS ALEXANDRE E PODRES PODERES  
COMPOSTAS POR CAETANO VELOSO**

Trabalho apresentado ao Centro Universitário de Brasília (UniCEUB/ICPD) como pré-requisito para obtenção de Certificado de Conclusão de Curso de Pós-graduação *Lato Sensu* em revisão de texto: Gramática, linguagem e a construção/reconstrução do significado.

Orientador: Professora Doutora Francisca Cordelia Oliveira da Silva

Brasília

2013

**ROSANGELA FERNANDES SILVA**

**O PROCESSO DE CONSTRUÇÃO DE SENTIDO E DE SIGNIFICADO  
NAS LETRAS DAS MÚSICAS ALEXANDRE E PODRES PODERES  
COMPOSTAS POR CAETANO VELOSO**

Trabalho apresentado ao Centro  
Universitário de Brasília (UniCEUB/ICPD)  
como pré-requisito para a obtenção de  
Certificado de Conclusão de Curso de  
Pós-graduação *Lato Sensu* em Revisão  
de texto: gramática, linguagem e a  
construção/reconstrução do significado.

Orientador: Professora Doutora Francisca  
Cordelia Oliveira da Silva

Brasília, 31 de janeiro de 2013

**Banca Examinadora**

---

Prof. Dr. Nome completo

---

Prof. Dr. Nome completo

## OS DEGRAUS

“Não desças os degraus do sonho  
Para não despertar os monstros.  
Não subas aos sótãos - onde  
Os deuses, por trás das suas máscaras,  
Ocultam o próprio enigma.  
Não desças, não subas, fica.  
O mistério está é na tua vida!  
E é um sonho louco este nosso mundo”...

Mário Quintana

## RESUMO

O presente trabalho tem como objetivo examinar as canções de autoria do cantor e compositor Caetano Veloso, analisando o sentido e o significado do texto que é transmitido para o leitor, que por sua vez, é capaz de internalizar as informações implícitas e explícitas nas letras das canções; sendo também objetivo deste trabalho ressaltar a história, as crenças e os valores sociais que fazem parte do discurso do sujeito, nas composições das músicas brasileiras. Neste trabalho, a ênfase foi a leitura não superficial das letras de canção, destacando a riqueza sociocultural e histórico-literária encontrada nas linhas e nas entrelinhas das composições. O tema O processo de construção de sentido e de significado nas letras das músicas Alexandre e Podres Poderes compostas por Caetano Veloso auxilia a compreensão e a interpretação do leitor, ao observar uma letra de canção, em que compositores da MPB, principalmente Caetano Veloso relatam fatos vivenciados em suas trajetórias musicais. Através desta pesquisa foi possível identificar o sujeito do discurso presente na letra da canção; comparar o intertexto Alexandre escrito por Caetano Veloso com a obra Alexandre escrita por Plutarco e observar a presença dos elementos de coerência textual e coesão presentes nas letras das canções. Para que esta pesquisa tenha fundamentação teórica, foram utilizados como embasamento referencial trabalhos de: Koch (1989), Fávero (2002), Maingueneau (1997), Marcuschi (2008) e Pêcheux (1983).

**PALAVRAS-CHAVE:** Sujeito. Intertextualidade. Música. Coerência. Contextualidade.

## ABSTRACT

The present study aims to examine the songs written by the singer and composer Caetano Veloso, analyzing the(s) meaning (s) and the significance (s) of the text that is passed to the listener, which, in turn, is able to internalize the implicit and explicit information on musical productions; also this work to highlight the history, beliefs and social values that are part of the subject's speech, in the compositions of Brazilian music. In this work, emphasis will be reading not superficial of songs, highlighting the socio-cultural wealth and literary-historical found in rows and between the lines of the compositions. The theme the construction process of the meaning and significance in the letters of the music Alexandre and Podres Poderes (Rotters Powers) composed by Caetano Veloso will assist the reader's understanding and interpretation, to observe a song, in which composers of MPB, mainly Caetano Veloso report events experienced in their musical careers. Through this research it was possible to identify the subject of discourse in this letter of song; compare the or as intertext Alexandre written by Caetano Veloso with Alexandre work written by Plutarch and observe the presence of the elements of textual coherence and cohesion present in the lyrics of the songs. For this survey has theoretical, I will argue with grounding referential authors: Koch (1989), Fávero (2002), Maingueneau (1997), Marcuschi (2008) and Pêcheux (1983).

KEYWORDS: Subject. Intertextuality. Music. Consistency. Contextually.

## SUMÁRIO

<b>INTRODUÇÃO</b> .....	07
<b>1 ELEMENTOS NECESSÁRIOS PARA A COERÊNCIA NA PRODUÇÃO TEXTUAL</b> .....	10
1.1 A intertextualidade.....	15
1.2 A música contextualizada.....	18
1.3 Sujeito, linguagem e discurso presentes na música.....	22
1.3.1 Análise do discurso e texto.....	23
1.4 A importância de enunciar o enunciado.....	26
1.5 Um fechamento.....	27
<b>2 SENTIDO E SIGNIFICADO EM LETRAS DE CAETANO VELOSO</b> .....	28
2.1 O conhecimento histórico e as músicas de Caetano Veloso.....	28
2.2 Caetano Veloso: contextualização.....	32
2.3 Texto: sentido e significado.....	34
2.3.1 Alexandre.....	35
2.3.2 Podres poderes.....	50
<b>CONSIDERAÇÕES FINAIS</b> .....	55
<b>REFERÊNCIAS</b> .....	57

## INTRODUÇÃO

Dizer que a música popular feita no Brasil é caracterizada por sua riqueza é quase redundante, mas é essencial para defini-la. Sua história começa com os índios e com a música feita pelos jesuítas que aqui aportaram. O encontro entre a música dos jesuítas e a música dos indígenas é a pré-história da música popular do Brasil. A música sempre foi lugar de resistência e de identidade.

Nesse lugar ativo de discussão, apresenta-se no cenário brasileiro a preocupação com aspectos discursivos, semânticos, fônicos, lexicais presentes nas canções e é um dos possíveis caminhos para se ver as letras de canção como produção artística textual.

A letra de canção, como gênero textual, pode ser considerada uma forma de comunicação em massa, pois está disponível para ser alcançada por quase todas as pessoas com facilidade, graças às transformações vividas pelas organizações a partir dos avanços tecnológicos, como o ocorrido com o advento da internet.

A importância de se estudar o sentido e o significado construído no texto se justifica por ser a letra de canção capaz de transmitir conhecimento. E como meio de comunicação em massa, a internalização dos valores por ela transmitidos é capaz de gerar reflexões e até transformações na sociedade.

Como objetivo geral, o presente estudo se propõe a compreender como se dá o processo de construção do significado e do sentido nas letras de canção analisadas, viabilizando a interpretação da mensagem transmitida do compositor para o ouvinte, apontando a bagagem cultural e histórica presente na produção textual e procurando, por meio da análise das letras, revelar ao leitor as informações presentes nas entrelinhas do texto.

Os objetivos específicos do trabalho são:

- Analisar os elementos que compõem a coesão e coerência textual nas letras de canção de Caetano Veloso;
- Evidenciar como os mecanismos de coesão, de coerência textual e o contexto auxiliam nas construções de sentidos e de significados nas letras de canção compostas por Caetano Veloso;

- Analisar a intertextualidade presente na letra de canção como recurso de construção de sentidos e de significados.

Para alcançar esses objetivos, este estudo foi realizado por meio da revisão bibliográfica sobre o tema em foco. Em seguida, foram feitas pesquisas de letras de canção compostas pelo cantor Caetano Veloso, com o intuito de selecionar os textos para análise, que verificou a coerência, o contexto, a intertextualidade e o sujeito do discurso e suas características, o que permitiu analisar o sentido que é construído em cada texto.

Apesar de não estar sendo analisado um texto científico, mas sim letras de canção, e de se saber da existência da licença poética que permite ao compositor, muitas vezes, o uso da norma não padrão da Língua Portuguesa, vale ressaltar que a produção textual pode apresentar intertextualidade e se configura em um contexto social, além de representar os pensamentos e a linguagem da sociedade em um espaço de tempo tanto quanto outros gêneros literários.

Ao se perceber a letra de canção como produção textual capaz de alcançar elevado número de leitores, faz-se necessário maior valorização dessa produção textual, pois seus vínculos com o mundo, na maioria das vezes, são mais amplos que qualquer outra produção textual. Isso porque a música é capaz de transpor barreiras sociais, econômicas, religiosas e culturais. Nesse sentido, Koch afirma que “os textos são resultados da atividade verbal de indivíduos socialmente atuantes, na qual esses coordenam suas ações no intuito de alcançar um fim social, de conformidade com as condições sob as quais a atividade verbal se realiza” (2005, p. 26).

O presente trabalho está estruturado em dois capítulos. No primeiro capítulo discutiremos a Coerência Textual; o que é intertextualidade e como ela pode influenciar no processo de construção do sentido e do significado da letra de canção e como auxilia a capacidade de compreensão e de interpretação, permitindo maior desvelamento semântico; uma análise sobre o contexto; e o conceito de sujeito da produção textual. No segundo capítulo é apresentada a análise de letras de canção compostas por Caetano Veloso.

## 1 ELEMENTOS NECESSÁRIOS PARA A COERÊNCIA NA PRODUÇÃO TEXTUAL

A letra de canção, por ser uma produção textual, apresenta em sua estrutura, assim como outros textos, características importantes para ser compreendida, como, por exemplo, a coerência. Então, o conhecimento do conceito do que é coerência textual e a explicitação dos elementos que a compõe são importantes para o processo de construção do sentido e do significado de qualquer produção textual.

A construção textual deve ser a composição de um todo compreensível aos olhos do leitor. A coerência textual é o instrumento que o autor usará para conseguir encaixar as “peças” do texto e para dar sentido completo a ele.

Cada palavra tem seu sentido individual; quando se relacionam, elas montam outro sentido. O mesmo raciocínio vale para as frases, para os parágrafos e para os textos. Cada um desses elementos tem sentido individual e um tipo de relacionamento com os demais. Caso essas relações sejam feitas da maneira correta, obtemos uma mensagem, um conteúdo semântico compreensível.

A coerência pode ser entendida, segundo Koch (1989, p. 28), como a boa formação do texto, não necessária na estrutura gramatical, mas no campo do sentido, ou seja, na interlocução comunicativa, na interação e na conversação entre duas ou mais pessoas. A coerência é fundamental, pois viabiliza a interpretabilidade do texto para os usuários, capacitando o leitor ou o ouvinte para a compreensão, ou, nas palavras de Koch (1989, p.28), permitindo ao leitor/ouvinte calcular o sentido do texto.

A coerência envolve todo o texto, não podendo esse ser meio coerente, pois, se ora o leitor/ouvinte entender o texto, ora não entender, o leitor/ouvinte não será influenciado por uma mensagem sem significado, pois, o texto para ele será tido como sem importância e/ou sem sentido. “Pode-se dizer que a coerência é, basicamente, um princípio de interpretabilidade e de compreensão do texto caracterizado por tudo de que o processo aí implicado possa depender.” (KOCH ; TRAVAGLIA,1989, p.13). Sendo que a coerência, para Koch (1989), envolve todos os componentes da língua: sintáticos, semânticos, pragmáticos, linguísticos.

O quadro a seguir permite uma comparação entre as definições, oferecendo maior compreensão desse termo, mas o conceito aqui adotado é o de Van Dijk. Koch e Travaglia (1989) citam a definição de vários autores sobre o que seria coerência:

Franck (1980)	Coerência é “a conexão formal e de conteúdo entre elementos sequenciais (frases, enunciados, atos de fala etc.) que coloca esses elementos em relação uns com os outros e os insere em uma forma de organização superior como, por exemplo, nomes em uma lista, frases em texto, atos de fala em uma sequência (dialógica) etc.” (p. 15)
Charolles (1978)	“A coerência seria a qualidade que têm os textos pela qual o falante os reconhecem como bem formados, dentro de um mundo possível... não se pode questionar a coerência de um texto sem levar em conta a ordem que aparecem os elementos que o constituem....” (p. 22)
Bernárdez (1977)	“A coerência textual não se busca simplesmente na sucessão (unidimensional) linear dos enunciados, mas sim em uma ordenação hierárquica (pluridimensional).”
Bernárdez (1982)	“A coerência significa uma certa capacidade de atuar como unidade”... (p. 18)
Van Dijk (1981)	“O termo coerência pode ser usado em sentido geral para denotar que alguma forma de relação ou unidade no discurso pode ser estabelecida... a coerência não é apenas uma propriedade do texto, mas se estabelece numa situação comunicativa entre usuários que têm modelos cognitivos comuns ou semelhantes, adquiridos em dada cultura.” (p. 19)
Widdowson (1978)	“A coerência seria a relação entre os atos ilocucionários que as proposições realizam... Havendo coerência, deduzimos

	as ligações proposicionais implícitas a partir de uma interpretação dos atos ilocucionais.” (p. 17)
Tannen (1984)	A coerência é realizada por meio de “termos de organização de estruturas subjacentes, que fazem com que palavras e sentenças componham um todo significativo para os participantes de uma ocorrência discursiva.” (p. 21)
Beaugrande e Dressler (1981)	“A coerência é o resultado da atualização de significados potenciais que vai configurar um sentido.” (p. 16)
Marcuschi (1983)	“A base da coerência é a continuidade de sentidos em meio ao conhecimento ativado pelas expressões do texto.” (p. 21)

Quadro 1: Conceitos de coerência.  
Fonte: KOCH; TRAVAGLIA, 1989.

A coerência está diretamente ligada à coesão. A coesão refere-se aos termos constituintes, à estruturação ou à relação semântica, entre os elementos do texto. A coesão pode ser gramatical ou lexical, podendo ser chamada de ligação ou de vínculo entre os elementos ou as frases do texto, os elementos linguísticos de coesão e de conexão ajudam a estabelecer a coerência, mas não são nem suficientes, nem necessários para que a coerência seja estabelecida.

Em resumo, Koch (1989, p. 103) apresenta a estrutura abaixo para representar, em forma de esquema, os conhecimentos, os termos e as pessoas que são necessárias para a coerência textual.

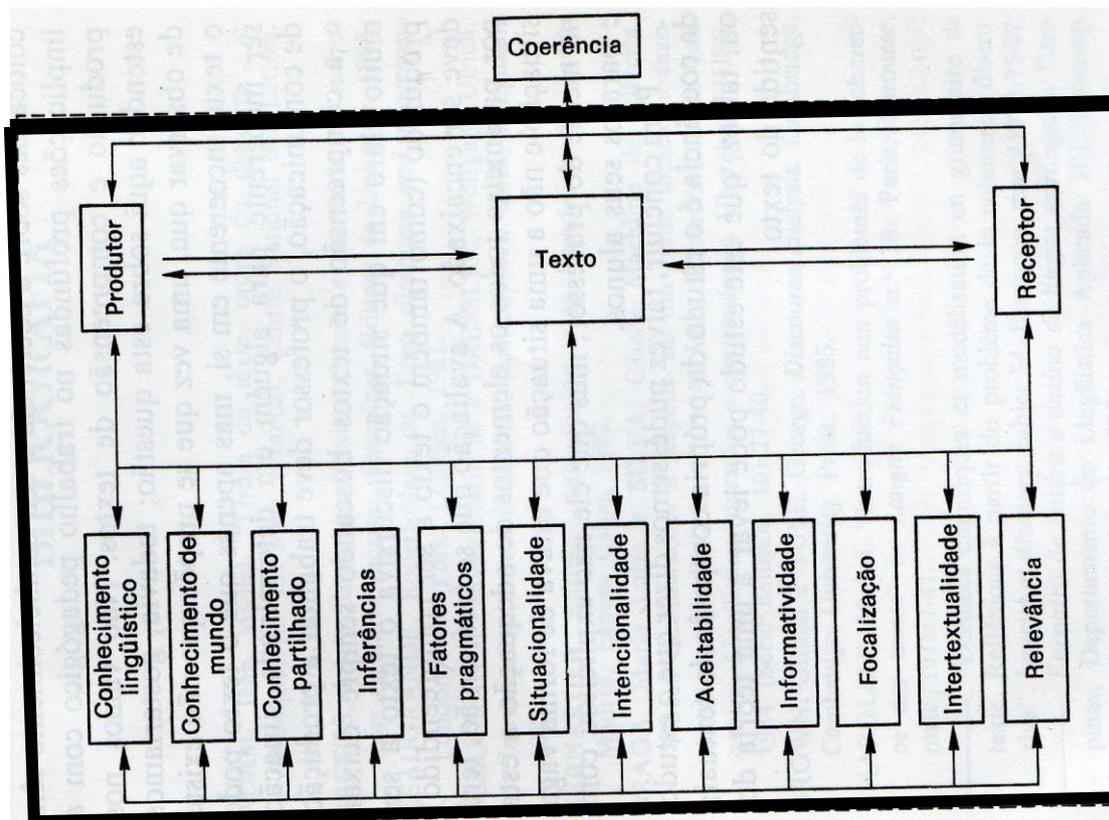


Figura 2: Coerência esquematizada.  
 Fonte: KOCH; TRAVAGLIA, 1989.

De acordo com as ideias apresentadas por Koch e Travaglia (1989) no quadro acima, para que haja coerência em um texto é preciso que o leitor saiba que ele é o receptor das informações e o autor é o produtor do texto. Sendo importante que o *produtor* do texto e o *receptor* façam os cálculos necessários para a compreensão do sentido, muitas vezes invocando seus conhecimentos linguísticos de mundo e o conhecimento partilhado entre o produtor e o leitor, pois ainda que o texto seja coerente se o receptor não partilhar de pelo menos parte dos conhecimentos do produtor, ele não será capaz de fazer as conexões necessárias para a interpretação do texto.

Os fatores pragmáticos do texto são a estrutura informacional, ou seja, a ordem das palavras, o acento, os sintagmas e os morfemas; mas é importante ressaltar que a entonação na música é de extrema importância, mas caso o texto não seja cantado/ouvido, não deixa de ser coerente, apenas perde essa vantagem sobre outros textos. O processo de compreensão do texto obedece a regras de

interpretação pragmática, levando em conta interação, crenças, desejos, querer, preferências, normas e valores dos interlocutores, de acordo com Koch (1989).

As inferências também são necessárias para a coerência textual. Inferências são as conexões feitas mentalmente, estabelecendo relação entre elementos presentes fisicamente no texto e suas informações não explícitas, mas possíveis de serem apreendidas por meio dos conhecimentos de mundo do leitor.

A situação que envolve a produção do texto também deve ser levada em conta para a compreensão, são exemplos as letras de canção de Caetano Veloso escritas no tempo da ditadura, com termos subentendidos ou mesmo explícitos, que teriam como objetivos reivindicar os direitos sociais e humanos ignorados pelo governo. Hoje, as mesmas letras de canção não causam o mesmo impacto social, nem a projeção dos mesmos cálculos de sentido aos que não conhecem a história da ditadura no Brasil.

Koch e Travaglia (1989) incluem a intencionalidade na lista de elementos necessários para a coerência, afirmando que o texto é escrito com uma intencionalidade, de modo que ele tem uma repercussão sobre o leitor, muitas vezes proposital. Considerando esse pressuposto, o ideal seria que todos os textos fossem escritos de maneira clara e direta para que os leitores não tivessem dificuldades em sua interpretação, mas infelizmente nem sempre isso acontece.

Koch; Travaglia (1989, p. 80 ) a intencionalidade é a maneira usada para realizar a intenção comunicativa do produtor; e a aceitabilidade é a aceitação de participar do discurso e compartilhar um propósito comunicativo. A informatividade do texto está marcada pela informação transmitida podendo ser de maior ou de menor grau, podendo ser também a informação não-esperada ou imprevisível, caso as informações do texto sejam alheias aos conhecimentos do leitor, exigindo-lhe maiores esforços para a compreensão do texto que a princípio parece incoerente, devido a dificuldade de compreensão.

A focalização também presente na estrutura proposta por Koch, é necessária para a coerência textual. Segundo Grosz (*apud* KOCH; TRAVAGLIA, 1989), falante e ouvinte, no diálogo, focalizam sua atenção em pequena parte do que sabem e acreditam, e a enfatizam.

No esquema proposto por Koch (1989, p. 95) sobre coerência, há ainda um outro elemento, a relevância discursiva, na qual as frases ou períodos que compõem o texto tratam do mesmo tema, ou “seja tratam de um mesmo tópico discursivo”.

E por último a intertextualidade, que ocorre quando um texto faz menção a outro texto ou a trecho de outro texto de forma explícita ou implícita, assunto que será tratado adiante com mais precisão.

É importante ressaltar que a construção do sentido e do significado é um processo feito mentalmente, algumas vezes de forma consciente; em outras, porém, o leitor constrói o sentido inconscientemente. Isso se justifica pela prática diária comunicativa, ou seja, o leitor está acostumando a invocar seus conhecimentos mentalmente, fazendo quase de forma automática as conexões necessárias para a compreensão da letra de canção, podendo ainda relacionar uma letra de canção a outra, ou a outro texto, invocando seus conhecimentos textuais para a construção do sentido e do significado.

### **1.1 A intertextualidade**

Algumas produções textuais surgem a partir de ideias já existentes em outros textos, sendo que essa nova produção é denominada intertexto, segundo Koch (2006, p. 86). Essa relação entre um texto e um enunciado ou ainda, com outro texto futuro, coetâneo ou que o anteceda é denominada intertextualidade, podendo esta ser implícita, explícita, ou o enunciador pode ser genérico.

Quando no texto há presença da fonte, pode se dizer que a intertextualidade é explícita, pois é claramente determinada a origem das informações. Koch (2007, p. 122) afirma que quando “o segmento de texto alheio for introduzido e não poder ser atribuído a um enunciador, por fazer parte do repertório da comunidade, como provérbios, clichês, ditos populares” a fonte será classificada como enunciador genérico.

Quando o autor não cita a fonte, entendendo que o leitor já possui o conhecimento textual necessário para compreender e fazer as ligações necessárias para a compreensão, cabendo ao interlocutor recuperar na memória a origem que auxilie a construção do sentido do texto, a intertextualidade é implícita.

Reconhecer a existência de possíveis diálogos entre textos e intertextos, ou identificar a existência da interação textual, e ainda visualizar um texto no outro, permite ao leitor fazer as ligações necessárias para a construção dos significados e a conclusão das ideias transmitidas pelos escritores para o leitor/ouvinte.

Se em um texto ocorre uma mescla de gêneros, em que um gênero exerce a função de outro, objetivando a comunicação, a intertextualidade será denominada intergenérica ou tipológica. De acordo com Koch (2006, p. 86):

A intertextualidade é elemento constituinte e constitutivo do processo de escrita/leitura e compreende as diversas maneiras pelas quais a produção/recepção de um dado texto depende de conhecimentos de outros por parte dos interlocutores, ou seja, dos diversos tipos de relações que um texto mantém com outros textos.

A intertextualidade encontrada no texto pode ser de conteúdo ou ainda de forma e de conteúdo. Nas letras de canção em geral, não há regra de intertextualidade, podendo haver intertextualidade de uma letra de canção com produções de outros gêneros textuais ou com textos do mesmo gênero, mas de conteúdo diferente. Assim a intertextualidade de uma letra de canção com outras letras de canção seria uma intertextualidade de forma e de conteúdo. A intertextualidade pode ainda ser de um texto, de determinado autor, com textos alheios ou com textos do próprio autor. Para Koch (2007, p. 95):

A intertextualidade pode ser classificada como: intertextualidade *stricto sensu* em que a intertextualidade é a própria intertextualidade, fazendo alusão à memória social presente, ou seja, aos conhecimentos de mundo armazenados na mente, e alusão à memória discursiva, que permite a interpretação por meio das informações e do aprendizado sobre os vários tipos de textos.

A intertextualidade *stricto sensu* se divide em:

- intertextualidade temática;
- intertextualidade estilística;
- intertextualidade explícita;
- intertextualidade implícita;
- intertextualidade intergenérica;
- autotextualidade ou intratextualidade (nas duas últimas classificações, o autor faz uso de suas próprias obras, sendo ele próprio a referência para suas composições).

Quando, em vários textos, a abordagem é sobre um mesmo tema, ou seja, tratam de um mesmo assunto, ou partilham a mesma área do saber ou uma mesma corrente de pensamentos, há intertextualidade temática. Se um escritor imita ou repete ou parodia um estilo linguístico, fica caracterizada a intertextualidade estilística. Na letra de canção quando encontrados trechos que repetem ou imitam outra obra, isso não será classificado como intertextualidade estilística se forem textos de gêneros diferentes, mas será intertextualidade temática.

Segundo Koch (2007), a intertextualidade pode ser classificada sem ter como referência principal a autoria. Nesse caso, a intertextualidade seria dividida em *intertextualidade das semelhanças* que teria um texto como apoio para as orientações argumentativas; e *intertextualidade das diferenças* em que um texto é incorporado na intenção de ser questionado, ou de ter suas impropriedades expostas, ou até ser ridicularizado no intertexto.

Koch (2007) apresenta a proposta de Piegay-Cros, em que a intertextualidade é classificada, em sua tipologia, em *referência* ou *alusão*, em que a co-presença entre textos é relevante para a classificação e não para a autoria.

A alusão se dá pela relação entre um enunciado e outro, em que as inflexões só são percebidas por quem conhece o texto-fonte. Na alusão, a intertextualidade é explícita, e o autor faz remissão à obra, na qual as entidades pertencem, de forma indireta.

Na *alusão*, não se convocam literalmente as palavras nem as entidades de um textos, porque se cogita que o co-enunciador possa compreender nas entrelinhas o que o enunciador deseja sugerir-lhe sem expressar diretamente. Reputamos a alusão como uma espécie de referência indireta, como uma retomada implícita, uma sinalização para o co-enunciador de que, pelas orientações deixadas no texto, ele deve apelar à memória para encontrar o referente não dito. (KOCH, 2007, p. 127).

A intertextualidade por referência também é explícita e de co-presença, porém difere da alusão, porque cita os personagens presentes em outra obra de forma direta. Koch (2007, p. 125) afirma que “uma remissão explícita a personagens presentes num dado texto [...] remete o leitor a um outro texto, embora não o cite literalmente”.

A intertextualidade, assim como os outros elementos que tornam um texto coerente, é de extrema importância no processo de construção do sentido e do significado do texto, porém, algumas vezes, além de invocar esses conhecimentos o leitor tem que contextualizar a letra da canção para preencher algumas lacunas presentes nessa interpretação, pois algumas informações exigem que seja partilhado um conhecimento de mundo entre leitor e autor.

## **1.2 A letra de canção contextualizada**

A letra de canção, como todas as outras produções textuais, está inserida em um contexto, ou seja, é envolvida por um mundo de conhecimento que é partilhado pelo autor com o leitor. Para Koch (2006), nenhum texto é inocente e todo texto reflete um fragmento do mundo em que vivemos. Em outras palavras, os textos são políticos, porque todas as formações discursivas são políticas. Analisar texto ou discurso significa analisar formações discursivas essencialmente políticas e ideológicas por natureza.

Qualquer manifestação falada ou escrita que possua um significado, independente de sua extensão, deve ser entendida como texto (KOCH, 1989), pois, ele é um contínuo textual caracterizado por vários princípios que fazem com que seus sentidos sejam apreendidos.

Tudo que contribuir para a determinação do sentido do texto deve ser entendido como contexto (KOCH, 2006), podendo ser levado em consideração para a sua interpretação:

- local,
- o tempo,
- os conhecimentos compartilhados,
- a intenção ou foco do escritor/intérprete,
- o leitor/ouvinte,
- os aspectos sociais, históricos e culturais,
- o quadro espaço-temporal e
- os tipos de atividades realizadas.

Para Koch (2006), o contexto permite a compreensão mútua entre falante e ouvinte, mas, para isso é necessário que haja pelo menos conhecimentos parcialmente comuns entre esses indivíduos; conhecimento cultural, social, enciclopédico e sociointeracional pois, cada grupo social tem suas próprias regras, usos, costumes, convenções, deveres, limites, tradições e rotinas estabelecidas, por isso o significado de uma expressão do falante pode não ter o mesmo significado para o ouvinte, mas o contexto sociocognitivo possibilita a completa, ou pelo menos, a maior compreensão entre os interlocutores.

Segundo Koch, o contexto é definido por Van Dijk “como o conjunto de todas as propriedades da situação social que são sistematicamente relevantes para a produção, compreensão ou funcionamento do discurso e de suas estruturas.” (KOCH, 2006, p. 33). Esse contexto pode ser caracterizado, segundo Koch (2006, p. 33), pelo esquema SPEAKING:

Pela situação, ou seja, cenário ou lugar que envolve o texto, pela participação do falante; a finalidade, o propósito ou resultado; a forma do conteúdo; o código; os instrumentos também compõem características do contexto, assim como o gênero.

O contexto, como mencionado anteriormente, obriga os indivíduos a consultarem seus conhecimentos armazenados na memória, conhecimentos linguísticos, enciclopédicos, situacional, estilístico e intertextual, para uma compreensão da mensagem que está sendo passada. A contextualização permite o preenchimento de lacunas do texto e esclarece ambiguidades, além de justificar efeitos de sentidos, desde que seja apropriado ao contexto selecionado.

A construção do sentido do texto envolve o conhecimento do leitor sobre os assuntos abordados pelo autor da letra da canção, a busca interna feita pelo leitor a conhecimentos ou fatos ocorridos em tempos ou momentos diferentes se faz necessária, permitindo a compreensão do que está sendo dito pelo autor na música.

Algumas das informações que possibilitam a compreensão do texto se encontram no contexto que pode ser classificado como contexto mediato ou no contexto imediato. O contexto é mediato quando compara a visão dos sujeitos sobre relacionamentos em tempos diferentes, sendo o contexto mediato pano de fundo para compreensão do texto, segundo Koch (2006).

A acepção de contexto que vigora atualmente, segundo Koch (2006, p. 22-24), além do contexto mediato, abrange:

- um contexto imediato (“participantes, local e tempo da interação, objetivos da comunicação e meio de propagação”);
- o co-texto (entorno verbal, explícito no texto); e
- o contexto sociocognitivo, que engloba todos os tipos de conhecimento prévios já arquivados na memória dos sujeitos.

Na teoria apresentada por Koch (2006), é encontrado também o conceito do contexto de situação. O contexto de situação, não está no mesmo plano real que o indivíduo, não há um espaço delimitado, ou seja, um lugar físico específico em que o discurso seja efetivado. Assim, *situação* é entendida como “um jogo de fatores e

relações que constituem condições de uso significativo da linguagem, ordenada em relação ao sujeito” (KOCH, 2006, p. 28).

A situação comunicativa interfere na produção e na recepção do texto. Ela tanto pode ser entendida em seu sentido mais amplo, ou seja, em seu contexto sócio-político-cultural, ou em seu sentido estrito, seu contexto imediato. Sobre esse aspecto, para Pêcheux (*apud* KOCH, 1997, p. 43):

É supor que, entendendo-se o real em vários sentidos, possa existir outro tipo de real diferente dos que acabam de ser evocados, e também um outro tipo de saber, que não se reduz à ordem das ‘coisas-a-saber’ ou a um tecido de tais coisas. Logo: um real constitutivamente estranho a univocidade lógica, e um saber que não se transmite, não se aprende, não se ensina, e que, no entanto, existe produzindo efeitos.

Com a contextualização pode-se realizar uma análise que permita o melhor entendimento da música popular brasileira como produção textual, no qual, a partir dela, é apresentado ao leitor/ouvinte uma reflexão sobre as condições de produção, principalmente da letra das canções, valorizando a riqueza histórica e cultural presente, além do entretenimento por ela proporcionado.

Portanto, o texto não é estruturado apenas textualmente, mas também com ricas informações, apresentadas de maneira implícita que dão sentido em sua apresentação. Sua análise deve ser feita passo a passo, para que se reconheçam as marcas linguísticas que funcionam como princípio de interpretabilidade, considerando o contexto imediato de interação.

Com a interação entre a intenção, o objeto e os instrumentos tecnológicos, pode-se fazer do estudo um processo de mediação entre os mais diversos significados que a letra de canção proporciona e os mais diversos valores que ela constrói no imaginário das pessoas.

Cada indivíduo carrega consigo uma bagagem cognitiva, e, por isso, são necessários ajustes constantes entre os novos contextos que surgem, para que essa bagagem se renove e seja ampliada, por meio de novas experiências vividas e pelo aprendizado diário de cada pessoa, para que haja, então, pelo menos uma compreensão parcial entre os indivíduos.

Para o leitor entender o que o autor quer dizer, algumas vezes, é exigida

uma busca do leitor/ouvinte a informações além das que estão escritas nos textos, pois, sabendo o leitor o tempo, o local ou os objetivos do autor, o significado do texto será claro e a mensagem do texto será transmitida de forma eficiente.

Sendo assim, para que sejam entendidas algumas letras de canção de Caetano, alguns ouvintes precisam buscar em sua bagagem de conhecimentos informações do passado, que permitam contextualizar as letras das canções, sabendo que Caetano fez letras de canção que criticavam e afrontavam os militares, em uma luta pela liberdade de expressão durante a ditadura militar. O acesso a esses conhecimentos sobre a ditadura e a vida do autor permite ao ouvinte compreender melhor as letras das canções do cantor.

### **1.3 Sujeito, linguagem e discurso presentes na letra de canção**

Para qualquer análise de textos, é importante que se estabeleça claramente com que concepções teóricas se está trabalhando, por isso, neste tópico, serão apresentadas algumas escolhas teóricas que norteiam este trabalho.

A concepção de língua estabelece a concepção de sujeito do texto, por isso Koch (2006, p. 16) afirma que “a língua pode ser vista como representação do pensamento, como instrumento de comunicação ou a língua pode ser entendida como lugar de interação, como processo de interação verbal”.

É por meio da linguagem que a comunicação é feita e compreende-se que o sujeito está ligado à linguagem. Mesmo a linguagem sendo escrita ou verbal é por meio dela que o homem procura expressar seus sentimentos na produção musical, que pode ser encontrada tanto em sua forma escrita como cantada.

Segundo Koch (2006, p. 15), o sujeito é um ser inserido no contexto social em que ele vive, sendo portador de valores sociais e históricos, capacitado a interagir com a sociedade, livre para executar suas ações, sendo o senhor absoluto de suas ações, de seus pensamentos e de seu dizer; e Lacan afirma que “o sujeito não sabe o que diz, visto que ele não sabe o que é” (*apud* KOCH, 2006, p. 15).

Neste trabalho, a ideia defendida é que o discurso do sujeito ou do

falante, consciente ou não, sempre é carregado de uma ideologia, podendo-se, assim, afirmar que a língua, em sua estrutura, é marcada pela não consciência, pois o discurso é uma repetição do que já foi internalizado pelo falante, e que o sujeito em seu discurso é capaz de falar ou de reproduzir a fala do inconsciente como porta-voz do falante que não seria capaz de dizê-lo.

A concepção de sujeito e de linguagem adotada ajuda a definir o conceito de texto, pois para Koch (2006, p. 17):

O sentido de um texto é, portanto, construído na interação texto-sujeitos (ou texto-co-enunciadores) e não algo que preexista a essa interação. Também a coerência deixa de ser vista como mera propriedade ou qualidade do texto, passando a dizer respeito ao modo como os elementos presentes na superfície textual, aliados a todos os elementos do contexto sociocognitivo mobilizado na interação, vêm a constituir, em virtude de uma construção dos interlocutores, uma configuração veiculadora de sentidos.

### **1.3.1 Análise do Discurso e texto**

Por acreditar que os termos "discurso" e "texto" são confundidos é importante classificar suas distinções, uma vez que estamos analisando as canções, como uma forma de expressão de um discurso de seu compositor. Neste sentido, Michel Pêcheux (1983 p. 102), afirma que:

Uma nova maneira de se encarar a linguagem humana ao deslocar o ponto de partida da análise do produto pronto ou do processo interno de produção, segmentado ou não, para as condições de produção, ou seja, o objeto de estudo deixou de estar centrado na fala, na escrita ou no texto em si mesmos para recair nas condições, na situação, no momento de produção, invertendo a linha de raciocínio a respeito do processo de produção.

O termo "texto", em sua essência, vincula-se a um aspecto mais restrito, referindo-se, necessariamente, às sequências da linguagem. O texto, enquanto produção humana escrita, não tem uma teoria que o defina de forma absoluta, todas as questões e as hipóteses levantadas sobre seu campo de pesquisa deixam em

aberto um leque grande de possibilidades e de questionamentos sobre a estrutura e o funcionamento geral do texto, por isso Hanks (*apud* SIGNORINI, 2008) afirma que o texto é uma espécie de domínio público de pesquisa.

Para Osman Lins (*apud* SIGNORINI, 2008), o texto é uma doação universal, de domínio e de propriedade coletiva, por isso trabalhar um texto exige conhecimento interdisciplinar que integra “aspectos da produção, compreensão e efeitos de sentido a partir de textos”, sendo o texto uma unidade funcional que não pode ter o tamanho ou a forma limitados ou estabelecidos por uma regra geral.

Koch (*apud* SIGNORINI, 2008) define o texto como conjunto de partes estruturadas que se ligam e se relacionam entre si, e essas partes são dependentes uma das outras para a composição do todo. Sendo assim, o texto se forma pela sequência das frases que se ligam por meios de elos, em que uma expressão linguística vai sendo retomada por outra expressão correferencial, sendo o texto o resultado de vários referenciamentos.

A problemática então encontrada pelos teóricos é a não existência de uma teoria que distingue os textos dos não textos. Daí a necessidade de encontrar uma propriedade própria dos textos: a textualidade. Bentes (*apud* SIGNORINI, 2008, p. 27) diz que:

A noção de textualidade de Beaugrande e Dressler, pensadas em termos que asseguram ao objeto textual sua existência enquanto fenômeno linguístico estruturado e orientado para o estabelecimento de relações de sentido, conjuga elementos linguísticos e extralinguístico.

Por ser o texto uma unidade de sentido, ele transmite em suas frases, linhas e entrelinhas um mundo, que é tão estruturado como uma malha ou tecido, em que tudo está interligado, pois em sua construção, o texto envolve a cultura, a história e a sociedade. “O texto é um evento comunicativo em que convergem ações linguísticas sociais e cognitivas.” (MARCUSCHI, 2008, p. 72).

Segundo Marcuschi (2008), para que uma sequência de palavras seja reconhecida como texto não pode haver apenas um amontoado de frases desordenadas e sem sentido, pois o texto tem que ser uma produção em que as sentenças se apresentem encadeadas de forma organizada, dotadas de coesão

gramatical que liguem as suas partes, exigindo também coerência para a construção do sentido.

Ao observar um texto, damos ênfase à escrita, após alguns minutos depois de analisar sua estrutura observamos o discurso, a mensagem que ele apresenta, então, o "discurso" assume um valor mais amplo que o assumido pelo "texto", uma vez que leva em conta aspectos relativos a práticas sociais motivadoras desse "ato de linguagem", bem como aspectos ideológicos e pragmáticos (SIGNORINI, 2008). A diferenciação pode ser notada quando o discurso existe independentemente do sujeito, ou uma vez que o sujeito participa do discurso este passa a ter total atenção, e não mais o texto.

Segundo Pêcheux (1983), o termo "discurso" diz respeito a uma significação mais abrangente que a de "texto". Compreende-se, então, por discurso uma unidade transfrástica que se submete a regras de organização vigentes em um grupo social determinado: regras que governam uma narrativa, um diálogo, uma argumentação.

O sujeito-falante, na concepção de Pêcheux (1983), seria ideologicamente influenciado pelo resultado de um processo histórico-social que o transforma e marca o seu discurso. Pêcheux afirma ainda que é facilmente concebível que um sujeito imerso em uma sociedade seja influenciado por ela, mas por outro lado, não se pode garantir a presença de ideologia no discurso desse sujeito.

O discurso está ligado a momentos do cotidiano, pois, por meio dele, surgem fatos históricos, que, por sua vez, interferem diretamente na posição do sujeito perante a sociedade, pois esse será mesmo influenciável, havendo um diálogo com o futuro.

Desse modo, podemos distinguir discurso e texto, o que assegura a comunicação, nesse caso são as condições pragmáticas, que levam, em última instância, ao sucesso do suposto diálogo entre autor e ouvinte. O texto é, então, a escrita verbal por meio da qual o discurso foi apresentado.

#### 1.4 A importância de enunciar o enunciado

De acordo com Maingueneau (2001, p. 56), "enunciado se opõe à enunciação da mesma forma que o produto se opõe ao ato de produzir". Nesse sentido, a enunciação é o processo, é o ato de produzir discurso; o enunciado é o resultado da enunciação que está fisicamente expresso na sentença.

No contexto conceitual, dizemos que enunciado é a projeção da enunciação, pois traz a linguagem como forma de sujeito ativo, o que faz o sujeito dono de suas ações, com instrumentos de análise do visto, do vivido, do lido, do percebido e do escondido nas entrelinhas pelos mais diversos motivos.

Essas conceituações, na concepção da Análise do Discurso, não são, necessariamente, estanques. Na realidade, costuma-se dizer que o enunciado (frase/sentença) contenha a projeção do momento da enunciação.

Para Maingueneau (1997), o discurso é o exercício social da linguagem, pois o sujeito do discurso, que é o enunciador, comunica o segmento social ao qual pertence por meio da língua, transmitindo suas intenções e convicções. A formação do sentido no texto se instaura por meio dos procedimentos enunciativos, em que um autor ao escrever um texto instaura um discurso e o leitor afirma, no texto, a presença discursiva.

A formação do sentido exige que o leitor seja crítico, buscando sempre entender o contexto, o tempo, o espaço, o sujeito, as mudanças, as permanências, as transformações e os significados linguísticos de todo texto com o qual entra em contato diariamente.

O produtor do texto pode até inovar na forma, porém dificilmente dirá algo novo, pois geralmente em sua criação será encontrada parte do que foi dito anteriormente por alguém. Por tudo isso, para se fazer uma leitura eficaz de um texto, algumas vezes, é preciso ter conhecimento de outros textos, pois, o conhecimento intertextual facilitará a construção do sentido do texto que está sendo lido.

## 1.5 Um fechamento

Até este ponto do trabalho foram apresentados os conceitos e concepções teóricas adotadas para realizar a análise de letras de canção compostas por Caetano Veloso. A seguir, veremos como eles são detectáveis nas letras selecionadas para análise.

## 2 SENTIDO E SIGNIFICADO EM LETRAS DE CANÇÃO DE CAETANO VELOSO

Nesta seção, é apresentado um breve contexto histórico do momento de produção dos textos aqui analisados e, em seguida, a análise propriamente dita das letras de Caetano:

### 2.1 O conhecimento histórico e as músicas de Caetano Veloso

Para melhor contextualização das letras de canção de Caetano Veloso, dos anos 1960 e 1970, faz-se necessário pelo menos um breve resumo do que foi o período da ditadura militar, e da vida do cantor, pois, agora no século XXI, algumas músicas, se fossem analisadas fora do contexto histórico, aparentariam ficção, quando, na verdade, são textos ricos em conhecimentos históricos sobre um período vivido pela sociedade brasileira.



Figura 3: Sociedade x Ditadura

Fonte: <http://www.sohistoria.com.br/ef2/ditadura/>

Algumas das letras de canção do compositor Caetano Veloso foram escritas por ele durante a ditadura militar. A ditadura caracterizou-se pela falta de democracia, pela supressão de direitos humanos, pela censura, pela perseguição política e pela repressão aos que eram contra o regime militar.

Em 1964, segundo Boulos (2001), o Brasil sofria com a crise política, e as tensões sociais aumentavam a cada dia. A crise econômica e a instabilidade política cresciam no país. João Goulart propôs as reformas constitucionais que aceleraram a reação das elites, criando possibilidades para o grande golpe de 1964. Foi em nove de abril de 1964 que os militares saíram às ruas decretando o Ato Institucional número 1, em que os militares cassam os mandatos políticos dos opositores ao regime militar, tiram a estabilidade dos funcionários públicos e tomam o poder.



Figura 4: Publicação do Ato Institucional

Fonte: <http://pnld.moderna.com.br/2011/12/13/ai-5-pletos-poderes-ao-presidente/>

Para Boulos (2001), Castelo Branco ao ser eleito presidente da República, pelo Congresso Nacional, assume posição autoritária; embora em seu pronunciamento de posse defendesse a democracia, ele estabeleceu eleições indiretas para presidente, cancelou os direitos políticos e constitucionais de cidadãos e passou a intervir nos sindicatos.

Boulos (2001) afirma que no dia 13 de dezembro de 1968, durante o governo de Costa e Silva, foi decretado o Ato Institucional número 5, sendo o ato

mais duro do governo militar, aposentando juizes, cassando mandatos, acabando com as garantias do *habeas corpus* e aumentando a repressão militar e policial. Em 1969 é eleito, pela junta militar, para presidente Emilio Garrastazu Médici; seu governo é considerado o mais duro e repressivo do período, ficando conhecido como os anos de chumbo.

A repressão à luta armada cresceu e uma severa política de censura é colocada em prática, pois jornais, revistas, livros, peças de teatro, filmes, músicas e outras formas de expressão artística são censuradas. Muitos professores, políticos, músicos e escritores são investigados, presos, torturados ou exilados do país, mas ganha força no campo a guerrilha rural, principalmente no Araguaia.



Figura 5: Luta rural armada

Fonte: <http://quemtemmedodademocracia.com/2011/10/14/camponeses-do-araguaia-a-guerrilha-vista-por-dentro-documentario-completo/>

Boulos (2001) afirma que em 1978, o presidente Ernesto Geisel, eleito em 1974, começa um lento processo de transição rumo à democracia, ele restaura o *habeas corpus* e abre caminho para a volta da democracia no Brasil. O general João Baptista Figueiredo decreta a Lei da Anistia, concedendo o direito de retorno ao

Brasil para os políticos, artistas e demais brasileiros exilados e condenados por crimes políticos. Em 1979, o governo aprova lei que restabelece o pluripartidarismo no país, os partidos voltam a funcionar dentro da normalidade e outros partidos políticos são criados.



Figura 6: Protesto a favor da anistia  
Fonte: <http://intrometendo.com/lei-da-anistia-no-brasil/>

O cantor e compositor Caetano Veloso, também participou da ditadura militar, mas como opositor, ele e outros cantores, durante a ditadura com suas canções defendiam os direitos humanos e a liberdade de expressão. Por ser neste trabalho analisadas as letras das canções de Caetano Veloso, vamos então fazer uma breve biografia da vida do cantor. A escolha do autor se justifica, pela qualidade das obras, e por ser ele considerado, pela mídia brasileira, um grande artista até hoje.

## 2.2 Caetano Veloso: contextualização

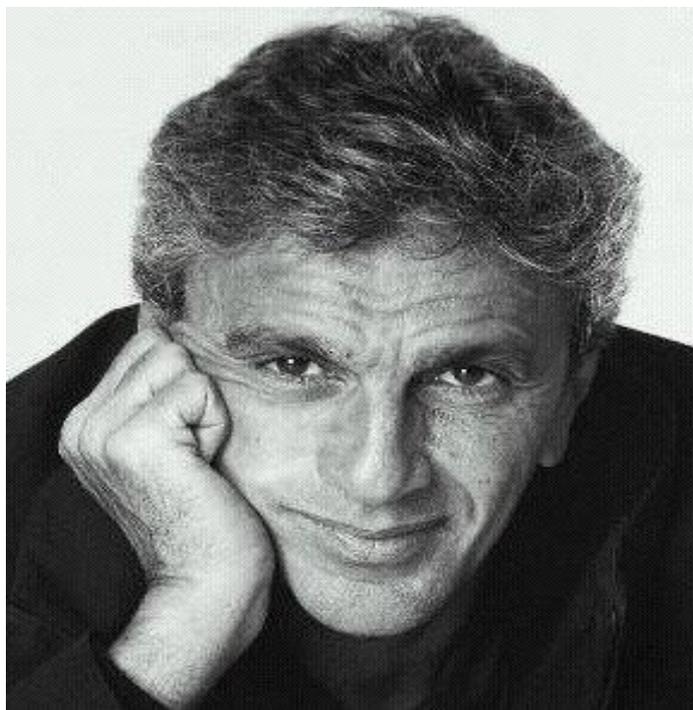


Figura 7: Caetano Veloso

Fonte: <http://sergiomattar.com/?tag=tropicalista>

Graziela Salomão, na revista *época* online, escreveu que o cantor e compositor Caetano Emanuel Viana Telles Veloso, nasceu no dia sete de agosto de 1942 na Bahia, teve a carreira profissional oficialmente iniciada por volta de 1965, momento em que o Brasil vivia sobre a repressão do governo militar. Junto com seus amigos e também cantores Gilberto Gil, Gal Costa, Tom Zé e Maria Betânia (sua irmã), Caetano Veloso luta contra a censura e tenta, por meio do deboche, da irreverência e da improvisação, expressar seu inconformismo com a situação vivida no país.



Figura 8: Caetano e amigos que lutaram contra a ditadura  
Fonte: <http://www.voxmark.com.br/2011/09/29/tropicalia/>

Tanto as canções como as ideias do cantor vão contra as imposições da ditadura militar, o que provoca a prisão do cantor em São Paulo e o exílio na Inglaterra em 1969, depois da provocação feita por Caetano ao cantar apontando uma arma para a própria cabeça a música *Noite Feliz*, em um programa de televisão, na véspera do natal. Caetano ficou exilado em Londres de 1969 a 1972, depois voltou para o Brasil, e continuou a ser perseguido por causa de suas canções que várias vezes foram censuradas.

Quem não possui conhecimento histórico desse período e não conhece ou recorda a imagem e vida do cantor, pode não perceber ou compreender a mensagem transmitida pelas letras das canções, achando que são apenas músicas românticas, ou até músicas que expressam as ideias de alguém simplesmente insatisfeito socialmente, porém, as letras das canções eram compostas com mensagens implícitas, para serem transmitidas sem sofrer censura por parte do governo.

É importante ressaltar que a contextualização permite preencher no texto as lacunas existentes no discurso, pois a língua em si mesma nem sempre é capaz de fornecer todas as condições necessárias para o ouvinte fazer a construção do

significado do texto. O contexto, em alguns textos, é capaz de justificar ou explicar a fala do autor.

Uma das posições quanto à necessidade do recurso ao contexto é de que não existem frases, apenas enunciados, únicos e efetivamente produzidos - portanto, é impossível fazer abstração do contexto, das condições de produção, da situação de enunciação (quem fala, com quem, quando, onde, em que condições, com que propósito, etc.). Trata-se de um conjunto de fatores que determinam necessariamente a produção de linguagem e que variam a cada nova enunciação. (KOCH, 2006, p.26).

Como na citação de Koch, o contexto se relaciona com o enunciado, a linguagem e o discurso do sujeito, tornando necessário que seja explicado quem é o sujeito do texto. Não podemos nos esquecer da importância textual que as canções nos transmitem, pois a riqueza gramatical e interpretativa nos fazem pensar e questionar momentos importantes que relatam fatos históricos.

A seguir, veremos como todos esses elementos se evidenciam nas letras de canção compostas por Caetano Veloso.

### **2.3 Texto: sentido e significado**

Os textos escolhidos para análise neste trabalho são duas letras de canção:

- *Podres Poderes*, lançada em 1972, no álbum *Transa*, depois que Caetano voltou do exílio em Londres;
- *Alexandre*, do álbum *Livros*, lançado em 1997, um álbum de estúdio, escrito concomitante ao livro de Caetano.

A música *Podres Poderes* foi escolhida depois de ser visto todo o repertório de Caetano Veloso. Após uma breve análise, percebeu-se que essa letra de canção é uma das que representa melhor a intervenção do autor na busca pela liberdade de expressão, no período do regime militar, o texto revela a importância da contextualização, expondo a fala do sujeito que é um ser socialmente influenciado.

A música *Alexandre*, porém, foi escolhida por ser um intertexto, ou seja, para exemplificar a intertextualidade de um texto com outro, e por apresentar vários

elementos citados por Koch como necessários para a coerência textual, apesar de ser uma letra de canção escrita após a ditadura militar.

A análise da letra das canções, *Podres poderes* e *Alexandre*, neste trabalho, tem como finalidade apontar os elementos necessários para a coerência textual presentes nas produções de Caetano, além de fazer uma comparação do texto *Alexandre* com outro texto para visualização da intertextualidade entre eles.

Na análise da letra da canção *Podres Poderes*, o objetivo será explicitar a relação textual com o contexto social vivido pelo autor no momento da composição, tornando o texto uma produção em que o discurso revela a ideologia social na qual o sujeito está inserido, além de destacar no texto a presença dos elementos necessários para a coerência textual.

### 2.3.1 Alexandre

Na análise da letra da canção *Alexandre*, representaremos os elementos que permitem a construção do sentido, que poderia ser feita por algum leitor, sendo que as marcações realizadas serão utilizadas no momento da análise. A representação será feita com cores e cada cor indica um elemento da coerência, mas é importante ressaltar que um texto pode não conter todos os elementos propostos, mas isso não o tornará obrigatoriamente incoerente.

Ele nasceu no mês do leão, sua mãe uma bacante  
E o rei seu pai, um conquistador tão valente  
Que o príncipe adolescente pensou que já nada restaria  
Pra, se ele chegasse a rei, conquistar por si só.  
Mas muito cedo ele se revelou um menino extraordinário:  
O corpo de bronze, os olhos cor de chuva e os cabelos cor de sol.

Alexandre,  
 De Olímpia e Felipe o menino nasceu, mas ele aprendeu  
 Que o seu pai foi um raio que veio do céu  
 Ele escolheu seu cavalo por parecer indomável  
 E pôs-lhe o nome Bucéfalo ao dominá-lo  
 Para júbilo, espanto e escândalo do seu próprio pai  
 Que contratou para seu preceptor um sábio de Stagira  
 Cujas a cabeça sustenta ainda hoje o Ocidente  
 O nome Aristóteles - nome Aristóteles - se repetiria  
 Desde esses tempos até nossos tempos e além.  
 Ele ensinou o jovem Alexandre a sentir filosofia  
 Pra que mais que forte e valente chegasse ele a ser sábio também.

Ainda criança ele surpreendeu importantes visitantes  
 Vindos como embaixadores do império Persa.  
 Pois os recebeu, na ausência de Felipe, com gestos elegantes  
 De que o reis, seu próprio pai, não seria capaz.  
 Em breve estaria ao lado de Felipe no campo de batalha  
 E assinalaria seu nome na história entre os grandes generais.

Com Hefestião, seu amado  
 Seu bem na paz e na guerra,  
 Correu em honra de Pátroclo  
 - os dois corpos nus -  
 Junto ao túmulo de Aquiles, o herói enamorado, o amor  
 Na grande batalha de Queroneia, Alexandre destruiu  
 A esquadra Sagrada de Tebas, chamada e Invencível.  
 Aos dezesseis anos, só dezesseis anos, assim já exibia  
 Toda a amplitude da luz do seu gênio militar.  
 Olímpia incitava o menino do Sol a afirma-se  
 Se Felipe deixava a família da mãe de outro filho dos seus se insinuar.  
 Feito rei aos vinte anos  
 Transformou a Macedônia,

que era um reino periférico, dito bárbaro  
 Em esteio de helenismo e dois gregos, seu futuro, seu sol  
 O grande Alexandre, o Grande, Alexandre  
 Conquistou o Egito e a Pérsia  
 Fundou cidades, cortou o nó górdio, foi grande;  
 Se embriagou de poder, alto e fundo, fundando o nosso mundo,  
 Foi generoso e malvado, magnânimo e cruel;  
 casou com uma persa, misturando raças, mudou-nos terra, céu e mar,  
 Morreu muito moço, mas antes impôs-se do Punjab a Gibraltar.

A relevância que, está grafada em azul escuro, vem marcando que em todo o texto é tratado o mesmo tema: a vida de Alexandre. O autor descreve o nascimento, o desenvolvimento humano, indicando a idade em que ocorrem os feitos gloriosos e as conquistas, finalizando o texto com a morte do personagem, o que comprova a teoria de Koch (1989) sobre a importância das frases ou períodos tratarem de um mesmo assunto, pois, assim, é possível ao leitor construir mentalmente, por meio das informações do texto, a trajetória da vida de Alexandre.

- (1) Ele nasceu
- (2) o príncipe adolescente
- (3) O corpo de bronze, os olhos cor de chuva e os cabelos cor de sol.
- (4) o menino nasceu
- (5) ele aprendeu
- (6) escolheu seu cavalo por parecer indomável
- (7) Ainda criança ele surpreendeu importantes visitantes
- (8) os recebeu, na ausência de Felipe, com gestos elegantes
- (9) breve estaria ao lado de Felipe no campo de batalha
- (10) Aos dezesseis anos
- (11) Exibia
- (12) seu gênio militar.
- (13) rei aos vinte anos conquistou o Egito e a Pérsia
- (14) Morreu muito moço

A focalização, grafada em vermelho, na letra da canção analisada, indica que o foco do autor são as conquistas de Alexandre, que a cada estrofe é enfatizada, por serem essas as informações que o autor possui sobre o personagem descrito para afirmar a grandeza de Alexandre.

- (15) muito cedo ele se revelou um menino extraordinário
- (16) pôs-lhe o nome Bucéfalo ao dominá-lo/Para júbilo, espanto e escândalo do seu próprio pai
- (17) forte e valente
- (18) sábio também
- (19) E assinalaria seu nome na história entre os grandes generais
- (20) Alexandre destruía
- (21) Transformou a Macedônia
- (22) O grande Alexandre, o Grande, Alexandre
- (23) Fundou cidades
- (24) foi grande
- (25) fundando o nosso mundo
- (26) generoso e malvado, magnânimo e cruel

As inferências, em marrom no texto, permitem ao leitor por meio dos conhecimentos de mundo, concluir que Alexandre era bissexual, pois pode ser inferido da frase “*seu bem na guerra e na paz*” que Alexandre não só amava, mas que também existia um relacionamento amoroso entre Hefestião e Alexandre, embora Alexandre tenha casado com uma mulher da Pérsia.

- (27) Com Hefestião, seu amado/Seu bem na paz e na guerra

Caetano utiliza no texto os elementos de coesão gramatical, que são sugeridos por Koch (1989) como elementos importantes para a coerência. No texto acima, os conectivos, escritos na cor laranja, são usados pelo autor para ligar as frases, ou um termo a outro, possibilitando ao leitor a construção do sentido e do

significado dos períodos do texto, permitindo ao final da leitura a compreensão do texto, e não só de algumas partes.

No texto, grafadas na cor roxa, estão as inferências pragmáticas, escolhidas pelo autor. Caetano preferiu escrever um texto com palavras que permitam ao leitor invocar seus conhecimentos sobre a fé pagã nos deuses da mitologia grega, pois a mesma história poderia ser contada apenas com fatos históricos, sem exigir do leitor qualquer conhecimento sobre crenças ou mitos.

- (28) no mês do leão
- (29) bacante
- (30) seu pai foi um raio que veio do céu
- (31) A esquadra Sagrada de Tebas
- (32) o menino do Sol

A informatividade do texto para quem conhece os mitos ou a história dos gregos é de menor grau, ou seja, é fácil para o leitor entender, porém não pode ser garantido que todos conheçam Aristóteles, o filósofo; Aquiles, o herói grego imortalizado; e a batalha de Queroneia em que Filipe lutou e venceu, o que tornaria a informatividade do texto de maior grau, ou seja, de difícil compreensão. A informatividade está presente praticamente no texto inteiro, porém a título de exemplo, destacamos alguns temas em verde escuro.

- (33) O nome Aristóteles
- (34) Aquiles
- (35) Na grande batalha de Queroneia
- (36) cortou o nó górdio

Em alguns textos é preciso que o leitor utilize seu conhecimento de mundo armazenado na memória, como exemplos no texto foram marcadas de verde fluorescente, as regiões citadas, pois essas regiões informam ao leitor que a história aconteceu na Grécia, porém que fique claro que os conhecimentos de mundo não estão ligados à geografia, mas sim a toda e qualquer informação que seja adquirida pela vivência, como, por exemplo, as noções geográficas, que por alguns é adquirida através de viagens e por outros através de estudos.

- (37) o Ocidente
- (38) império Persa
- (39) Queronéia
- (40) Punjab a Gibraltar

Intertextualidade não foi marcada no texto acima, pois a letra da canção toda é um intertexto, ou seja, um texto produzido a partir de outro texto já existente, por isso se faz necessária uma comparação entre os textos. Devido à extensão da comparação, julgou-se apropriado fazê-la separadamente.

A intertextualidade do texto de Caetano em relação ao de Plutarco é de conteúdo, pois ambos tratam do mesmo tema: A vida de Alexandre; podendo ser classificada a intertextualidade como temática. Os textos são de gêneros diferentes, Caetano escreve uma canção, enquanto Plutarco escreve um conto, não havendo intertextualidade intergenérica. Segundo a teoria de Koch, a intertextualidade seria implícita, pois não se pode dizer com certeza qual a fonte, ou seja, qual autor foi a inspiração de Caetano.

Caetano Veloso, na letra da canção *Alexandre*, embora não tenha citado qual autor foi sua fonte de inspiração, compõe todo o texto embasado na história de Alexandre da mitologia grega. Ele poderia somente ter usado como fonte a história grega, mas ele opta por usar palavras que explicitam a fé pagã nos deuses da mitologia grega.

Embora não se possa garantir que o autor utilizado por Caetano seja Plutarco, ele será aqui o referencial para comparação entre os textos. A escolha desse autor é justificada pela qualidade da obra escrita por ele, pois, por se tratar de um texto histórico, pode haver diferenças estilísticas entre um autor e outro, porém os fatos relatados são os mesmos.

Será feita, daqui por diante, uma análise comparativa em que foi observada a intertextualidade existente entre a letra da canção *Alexandre* composta por Caetano Veloso e trechos do livro *Alexandre* escrito por Plutarco, sendo que não estará completa a obra de Plutarco devido à extensão.

*Caetano:*

Ele nasceu no mês do leão, sua mãe uma bacante  
 E o rei seu pai, um conquistador tão valente  
 Que o príncipe adolescente pensou que já nada restaria  
Pra, se ele chegasse a rei, conquistar por si só.  
 Mas muito cedo ele se revelou um menino extraordinário:  
 O corpo de bronze, os olhos cor de chuva e os cabelos cor de sol.

*Plutarco:*

“Filipe, por sua vez, algum tempo depois do casamento, sonhou que marcava com um sinete o ventre da esposa, e que no sinete estava gravado um leão... Olímpíada traz no seio um filho que terá a coragem de um leão”.

“Acontecia também que, quando se anunciava que Filipe tomara alguma cidade importante, ou que alcançara uma vitória memorável, Alexandre, em vez de manifestar alegria, dizia aos moços de sua idade: “meus amigos, meu pai vai tomar tudo; e não deixará nada de grande e de glorioso para eu fazer um dia convosco”... julgava que, quanto maior extensão tivesse o império que devia herdar do pai, menores ocasiões se lhe apresentariam para se celebrar; com a ideia de que Filipe, aumentando cada vez mais suas conquistas, diminuía para ele as probabilidades de belas empresas”. (p11-12 e 19)

Tanto Caetano com a frase “*ele nasceu no mês do leão*” quanto Plutarco com o trecho “*no sinete estava gravado um leão... um filho que terá a coragem de um leão*” ligam o nascimento de Alexandre a um leão, animal que representa força, garra e, no mundo animal, um reinado.

Caetano descreve as conquistas do rei Filipe com a frase “*e o rei seu pai um conquistador tão valente*”, enquanto Plutarco escreve “*quando se anunciava que Filipe tomara alguma cidade importante, ou que alcançara uma vitória memorável*”. Os dois falam de um rei que luta e conquista vitórias, mas sobre o filho Alexandre ambos falam que o menino não fica satisfeito com todas as vitórias do pai, por

pensar que poderia não haver mais nada para conquistar quando chegasse a ser rei.

Caetano usa a frase “*Que o príncipe adolescente pensou que já nada restaria pra, se ele chegasse a rei, conquistar por si só*” e Plutarco descreve essa mesma preocupação de Alexandre no trecho “*meus amigos, meu pai vai tomar tudo; e não deixará nada de grande e de glorioso para eu fazer um dia convosco*”

*Caetano:*

Alexandre,

De Olímpia e Felipe o menino nasceu, mas ele aprendeu  
Que o seu pai foi um raio que veio do céu

*Plutarco:*

“Afirma-se que Filipe, estando em Samotrácia, ainda muito jovem, foi ali iniciado nos mistérios com Olimpíada, que, então, era menina órfã de pai e mãe. Enamorou-se dela... e a obteve em casamento. Na noite que precedeu aquela em que os nubentes se encerraram no quarto nupcial, Olimpíada teve um sonho. Pareceu-lhe ter ouvido o estrondo de um trovão e ter sido atingida pelo raio nas entranhas com o golpe, um grande fogo se acendera”. (p.11)

Nesse trecho, a intertextualidade na letra da canção composta por Caetano se refere ao nascimento de Alexandre, que tinha como mãe Olímpia e como pai o rei Filipe, porém Alexandre é visto como um filho de um deus, que nasceu de um raio vindo do céu. Nos dois textos, fato descrito por Caetano com a frase “*que o seu pai foi um raio que veio do céu*” e Plutarco escreve “*pareceu-lhe ter ouvido o estrondo de um trovão e ter sido atingida pelo raio nas entranhas com o golpe*”.

*Caetano:*

Ele escolheu seu cavalo por parecer indomável  
 E pôs-lhe o nome Bucéfalo ao dominá-lo  
 Para júbilo, espanto e escândalo do seu próprio pai

*Plutarco:*

“Filônico, o Tessálio, levou um dia a Filipe um cavalo chamado Bucéfalo que queria vender por treze talentos. Desceram a planície para o experimentar, mas acharam difícil de montar e completamente rebelde: o animal não deixava que ninguém o montasse, não podia suportar a voz de nenhum dos estribeiros de Filipe e empinava-se contra todos os que queriam aproximar-se dele... Alexandre, que estava presente, exclamou:

- Que cavalo estão perdendo! É por inexperiência e timidez que não conseguem nada.

Filipe, [...] disse, afinal:

- Tu criticas pessoas mais idosas como se fosses mais hábil que elas, e como se fosses mais capaz de domar um cavalo.
- Sem dúvida – respondeu o filho -, eu conseguiria isso melhor que outro.
- Mas se não o conseguires – perguntou Filipe -, que castigo merecerás por tua presunção?
- Pois bem, pagarei o preço do cavalo.

Essa resposta fez rir a todos; e Filipe concordou com o filho que quem perdesse pagaria os treze talentos...

Alexandre aproximou-se do cavalo, apanhou as rédeas e fez-lhe virar a cabeça para o sol, pois observara que bucéfalo parecia assustar-se com a própria sombra, a qual se projetava diante dele, reproduzindo-lhe os movimentos. Ao ouvi-lo bufar de cólera, acaricia-o suavemente com a voz e com a mão; depois, deixando cair o manto no chão, atira-se num rápido salto a abraçá-lo com os joelhos, como senhor.” (p. 20-22)

Caetano diz que Alexandre tem um cavalo indomável e que Alexandre põe o nome do cavalo de Bucéfalo, no trecho “*Ele escolheu seu cavalo por parecer indomável e pôs-lhe o nome Bucéfalo ao dominá-lo*”. Plutarco, porém, descreve que dois homens levaram o cavalo para o rei comprar, porque não conseguiam domar o cavalo, mesmo não sendo contado da mesma forma, há intertextualidade no trecho acima, pois a intertextualidade não é uma simples repetição do que já foi dito, mas uma retomada ou citação do que já foi dito ou escrito em outro texto.

*Caetano:*

Que contratou para seu preceptor um sábio de Stagira  
 Cujas cabeças sustentam ainda hoje o Ocidente  
 O nome Aristóteles - nome Aristóteles - se repetiria  
 Desde esses tempos até nossos tempos e além.  
 Ele ensinou o jovem Alexandre a sentir filosofia  
 Pra que mais que forte e valente chegasse ele a ser sábio também.

*Plutarco:*

“Filipe esforçou-se por dirigi-lo com a persuasão, mais do que lhe impor suas vontades. E, não confiando muito nos mestres encarregados de ensinar-lhe a música e as artes liberais, cuja tarefa era orientar-lhe e aperfeiçoar-lhe a educação – tarefa cuja grande importância era intuída por ele, e que realmente exige, para repetir as palavras de Sófocles, “o emprego de mais de um freio e mais de um leme”-, mandou chamar Aristóteles, o mais célebre e o mais sábio dos filósofos, e como remuneração pela educação do filho, deu-lhe lisonjeira e honrosa recompensa: mandou reconstruir Stagira, cidade natal de Aristóteles... Parece que Alexandre não se limitou somente ao estudo da moral e da política, mas se aplicou também às ciências mais profundas e secretas”. (p. 22-25)

Alexandre teve como mestre Aristóteles, o filósofo da cidade de Stagira, o que fez com que Alexandre se tornasse um homem não só forte e valente, mas também conhecedor das ciências. Caetano escreve isso no trecho “*seu preceptor um sábio de Stagira...o nome Aristóteles... Ele ensinou o jovem Alexandre a sentir filosofia... a ser sábio também*” e Plutarco escreve “*mandou chamar Aristóteles, o mais célebre e o mais sábio dos filósofos... mandou reconstruir Stagira... Alexandre se aplicou também às ciências mais profundas e secretas*”.

*Caetano:*

Ainda criança ele surpreendeu importantes visitantes  
 Vindos como embaixadores do Império da Pérsia  
 Pois os recebeu, na ausência de Felipe, com gestos elegantes  
 De que o rei, seu próprio pai, não seria capaz.  
 Em breve estaria ao lado de Felipe no campo de batalha  
 E assinalaria seu nome na história entre os grandes generais.

*Plutarco:*

“Sua temperança nos prazeres fez-se notar desde os primeiros tempos de mocidade. Impetuoso e ardente em tudo o mais, era pouco sensível à volúpia, à qual só se entregava com moderação. O amor e a glória, ao contrário, já se revelava nele, com uma força e uma elevação de sentimentos bastante superiores à sua idade...Um dia recebeu alguns embaixadores do rei da Pérsia, enquanto Filipe estava ausente. Fez-lhes boa acolhida, encantou-lhes com sua gentileza e com suas perguntas, que nada tinham de infantis nem fúteis; informou-se acerca da distância entre a Macedônia e a Pérsia, das rotas que conduziam às províncias da alta Ásia”. (p16-17)

“*Um dia recebeu alguns embaixadores do rei da Pérsia, enquanto Filipe estava ausente. Fez-lhes boa acolhida, encantou-lhes com sua gentileza*” essas são as palavras de Plutarco, sendo que essas informações também são encontradas neste trecho da letra da canção de Caetano: “*ainda criança ele surpreendeu*”

*importantes visitantes vindos como embaixadores do império da Pérsia, pois os recebeu na ausência de Felipe”.*

Os dois trechos narram a desenvoltura do jovem, que surpreende, pela forma de tratar e receber pessoas tão importantes na ausência do pai.

*Caetano:*

Com Hefestião, seu amado  
 Seu bem na paz e na guerra,  
 Correu em honra de Pátroclo  
 - os dois corpos nus -  
Junto ao túmulo de Aquiles, o herói enamorado, o amor  
Na grande batalha de Queroneia, Alexandre destruía  
 A esquadra Sagrada de Tebas, chamada e Invencível.  
Aos dezesseis anos, só dezesseis anos, assim já exibia  
 Toda a amplidão da luz do seu gênio militar.

*Plutarco:*

“Visitou Ílion, fez ali sacrifício a Minerva e algumas libações aos heróis; banhou com azeite a coluna funerária de Aquiles, andou em volta do túmulo, completamente nu, segundo o costume, com seus companheiros, depôs ali uma coroa e felicitou o herói que teve, vivo, um amigo fiel, morto, um grande poeta para glorificar suas façanhas. (p.40)

“Durante a guerra de Filipe contra os bizantinos, Alexandre, com dezesseis anos de idade, ficara na Macedônia, encarregado sozinho do governo e depositário do sinete real. Subjugou os nedaras, que se haviam revoltado, ocupou duas cidades, e, no lugar dos habitantes por ele expulsos, formou nova população, com a contribuição de povos diferentes, dando a cidade mesma o nome de Alexandrópolis. Inteveio pessoalmente na batalha que Filipe travou contra os gregos em Queroneia; conta-se que foi o primeiro a assaltar o batalhão sagrado dos tebanos”. (p. 27)

Nos dois textos, há a informação de que Alexandre aos dezesseis anos já governava. Plutarco descreve isso no trecho “*Alexandre, com dezesseis, ficara na Macedônia, encarregado sozinho do governo*” e Caetano escreve “*só dezesseis anos, assim já exibia toda a amplidão do seu gênio militar*”. Os dois textos também dizem que Alexandre não estava junto ao túmulo de Aquiles.

*Caetano:*

Olimpíada incitava o menino do Sol a afirma-se  
Se Felipe deixava a família da mãe de outro filho dos seus se insinuar

*Plutarco:*

“Mas os conflitos provocados na casa real pelos casamentos e pelos amores de Filipe e as agitações de gineceu, cujo contágio se comunicou de alguma forma a todo o reino, suscitaram frequentes discussões entre pai e filho; e, às vezes, alterações violentas, que exasperando Alexandre, eram fomentadas pelo caráter arrogante de Olimpíada”. (p. 28)

“Filipe mediante um casamento, projetara casar sua filha mais velha com Arrideu, outro filho de Filipe... Os amigos de Alexandre e sua mãe Olimpíada recomeçaram logo as intrigas e acusações insinuando que Filipe preparava para Arrideu, mediante um casamento brilhante e com a autoridade com a qual o revestiria, o caminho para o trono da Macedônia.” (p.30)

Nesses trechos, pode-se inferir que Filipe tinha outros herdeiros que também estavam interessados no trono real, porém fica claro que Alexandre, juntamente com sua mãe brigam para que Alexandre seja o herdeiro do trono real. Caetano diz isso no trecho “*Olimpíada incitava o menino do Sol a afirma-se*” e Plutarco escreve “*Alexandre e sua mãe Olimpíada recomeçaram logo as intrigas e acusações*”.

*Caetano:*

Feito rei aos vinte anos  
 Transformou a Macedônia,  
 Que era um reino periférico, dito bárbaro  
 Em esteio do helenismo e dois gregos, seu futuro, seu sol  
 O grande Alexandre, o Grande, Alexandre  
 Conquistou o Egito e a Pérsia  
 Fundou cidades, cortou o nó Górdio, foi grande;  
 Se embriagou de poder, alto e fundo, fundando o nosso mundo,  
 Foi generoso e malvado, magnânimo e cruel;  
Casou com uma persa, misturando raças, mudou-nos terra, céu e mar,  
 Morreu muito moço, mas antes impôs-se do Punjab a Gibraltar.

*Plutarco:*

“Alexandre estava com vinte anos quando sucedeu a seu pai”.

“Ocupou a cidade de Górdio...onde viu aquela afamada **carroça**, cujo jugo estava amarrado com uma casca se sorveira... segundo uma antiga tradição, tida pelos bárbaros como certa, o destino reservava **o império** do universo **ao homem que desatasse aquele nó**. **O nó** era tão bem fito e se compunha de tantas voltas que não se podia perceber-lhe as pontas. Alexandre, a dar créditos à maior parte dos historiadores, não conseguindo desata-lo, **cortou-o** com um golpe de espada, pondo diversas pontas em evidência.”

“Nem conheceu, antes do seu casamento, outra mulher a não ser Barsina. Enviuvada pela morte Cenon, Barsina fora presa perto de Damasco... disse, gracejando, que as mulheres da Pérsia eram o tormento dos olhos”. (p.31, 48 e 57)

Finalizando a análise comparativa entre a letra da canção de Caetano e o texto de Plutarco, é percebido que Caetano finaliza dizendo, na última estrofe, que Alexandre assumiu o reinado aos vinte anos e se casou com um mulher persa no trecho: “*Feito rei aos vinte anos... Casou com uma persa*”.

No texto de Plutarco, há também essa mesma informação, embora com outras palavras “*Alexandre estava com vinte anos quando sucedeu a seu pai... Barsina fora presa perto de Damasco... disse, gracejando, que as mulheres da Pérsia eram o tormento dos olhos*”.

O *Nó Górdio*, que foi destacado em negrito, tanto na música de Caetano, quanto no texto de Plutarco, pode ser compreendido como intertextualidade de referência, que é uma proposta de Piegay-Gros (*apud* KOCH, 2007), pois, ao citar o nó Górdio de forma explícita é percebida a co-presença de outro texto, ou seja, a remissão direta a outro texto da mitologia grega.

A história do Nó Górdio em resumo seria: no século VIII a.C., o rei da Frígia morreu sem deixar um herdeiro. Um oráculo anunciou que o novo rei chegaria à cidade num carro de bois. Um camponês, Górdio, chegou à cidade em sua carroça, e as pessoas entenderam que ele era o rei anunciado pelo Oráculo. Ele foi coroado e depois amarrou sua carroça com um nó na coluna do templo de Zeus. O Oráculo declarou que quem desatasse o nó dominaria a Ásia menor. Vários homens durante anos tentaram desamarrear o nó sem êxito, Alexandre, porém, foi ao templo de Zeus e cortou o nó com sua espada e como o Oráculo havia previsto ele dominou a Ásia menor. (BULFINCH, 2006).

Se for usada para a classificação da intertextualidade, a relevância da co-presença e não a autoria nesse texto que foi analisado, a intertextualidade será classificada como intertextualidade das semelhanças, pois Caetano usa outro texto que tenha como tema a vida de Alexandre, como apoio para produzir um novo texto.

Na música de Caetano, há uma retextualização das ideias de Plutarco, pois Caetano compõe toda a música recuperando o texto fonte, porém em outro gênero textual e dando ao novo texto sua interpretação. Na letra da canção, a intertextualidade predominante é a implícita, fazendo com que o leitor busque em sua memória social as informações complementares e necessárias para completo entendimento da música. A intertextualidade faz uma comparação entre os textos, mesmo sem apresentar a obra, ou seja, o texto fonte, fazendo com que busquemos em nossa mente fatos históricos que traduzam e comparem as composições com o outro texto.

### 2.3.2 Podres poderes

Com base nas teorias, do presente trabalho, sobre contexto de produção da letra da canção, podemos observar que a letra da canção *Podres Poderes* de Caetano Veloso, é um texto carregado conscientemente de uma formação discursiva política e inconscientemente ideológico. Caetano, com essa letra de canção, faz uma crítica ao sistema ditatorial imposto no Brasil pelos militares.

Enquanto os homens exercem  
Seus podres poderes  
Motos e fuscas avançam  
Os sinais vermelhos  
E perdem os verdes  
Somos uns boçais...

Queria querer gritar  
Setecentas mil vezes  
Como são lindos os burgueses  
E os japoneses  
Mas tudo é muito mais...

Será que nunca faremos  
Senão confirmar  
A incompetência  
Da América católica  
Que sempre precisará  
De ridículos tiranos

Será, será, que será?  
Que será, que será?  
Será que esta  
Minha estúpida retórica  
Terá que soar  
Terá que se ouvir  
Por mais zil anos...

Enquanto os homens exercem  
Seus podres poderes  
Índios e padres e bichas  
Negros e mulheres  
E adolescentes  
Fazem o carnaval...

Queria querer cantar

Afinado com eles  
Silenciar em respeito  
Ao seu transe num êxtase  
Ser indecente  
Mas tudo é muito mau...

Ou então cada paisano  
E cada capataz  
Com sua burrice fará  
Jorrar sangue demais  
Nos pantanais, nas cidades  
Caatingas e nos gerais

Será que apenas  
Os hermetismos pascoais  
E os tons, os mil tons  
Seus sons e seus dons geniais  
Nos salvam, nos salvaram  
Dessas trevas e nada mais...

Enquanto os homens exercem  
Seus podres poderes  
Morrer e matar de fome  
De raiva e de sede  
São tantas vezes  
Gestos naturais...

Eu quero aproximar  
O meu cantar vagabundo  
Daqueles que velam  
Pela alegria do mundo  
Indo e mais fundo  
Tins e bens e tais...

Será que nunca faremos  
Senão confirmar  
Na incompetência  
Da América Católica  
Que sempre precisará  
De ridículos tiranos  
Será, será, que será?  
Que será, que será?  
Será que esta  
Minha estúpida retórica  
Terá que soar  
Terá que se ouvir  
Por mais zil anos...

Ou então cada paisano

E cada capataz  
 Com sua burrice fará  
 Jorrar sangue demais  
 Nos pantanais, nas cidades  
 Caatingas e nos gerais...

Será que apenas  
 Os hermetismos pascoais  
 E os tons, os mil tons  
 Seus sons e seus dons geniais  
 Nos salvam, nos salvarão  
 Dessas trevas e nada mais...

Na estrofe “*Enquanto os homens exercem seu podres poderes, morrer e matar de fome, de raiva e de sede, são tantas vezes gestos naturais*”, Caetano faz uma crítica ao militarismo, pois os homens que governam o país, neste momento, não estão preocupados com os direitos sociais, mas em dominar o país a qualquer custo, por isso Caetano qualifica como *podre* os *poderes* que deveriam ser usados para defender a sociedade, mas que ao contrário, passa a persegui-la, inibindo os direitos a liberdade e suprimindo os direitos humanos, por meio de torturas e perseguições, como se esses atos fossem normais ou como diz o autor “*naturais*”.

Quando a letra de canção é contextualizada e o leitor passa a invocar seus conhecimentos internalizados, ele é capaz de construir a mensagem que o autor quer transmitir, desde que esses conhecimentos sejam partilhados. Sendo assim, quando o leitor analisa o trecho “*enquanto os homens exercem seus podres poderes, índios e padres e bichas, negros e mulheres e adolescentes, fazem o carnaval*”, o leitor é capaz de perceber que o autor quer criticar as classes mais desprivilegiadas, pois se o leitor invoca seus conhecimentos sobre a sociedade brasileira, lembrará que desde a colonização do Brasil, os que mais sofreram foram:

- os *índios*, que tiveram seu país colonizado pelos Portugueses;
- os *negros* que vieram como escravos;
- as *mulheres* que são marcados pela violência sexual e física, durante um grande período da história; e
- as *bichas*, ou homossexuais que sempre sofreram preconceitos, por causa da opção sexual.

Mas ao invés de estarem lutando por seus direitos, nesse momento estão apenas preocupados com o supérfluo, ou seja com a diversão que aqui é citada como “*carnaval*”.

Hoje, para a construção do sentido da letra da canção Podres Poderes, seria necessário um contexto mediato, pois a visão do autor em relação a do leitor do século XXI está em tempos diferentes. O leitor precisa, em alguns momentos, buscar seus conhecimentos sobre o tempo da ditadura e sobre a realidade social de anos atrás para compreender a crítica que o autor faz a sociedade, pois, no século XXI o Brasil é um país democrático, que, embora se saiba que aconteçam alguns crimes políticos não é algo comum ou aceitável para a sociedade hoje.

Caetano critica a sociedade dos anos 60 ao chamá-los e se chamar de “*boçal*”. Boçal, no dicionário Gama Kury (2001), significa aquele que é ignorante, estúpido; escravo recém-vindo da África, que não falava português. Pode-se concluir, então, que Caetano criticava a sociedade que se deixava escravizar pelo “*tiranos*”, e não lutava pela democracia e pela liberdade.

Nessa letra de canção, Caetano expressa sua indignação contra o militarismo, e também contra a sociedade que aceita ser dominada, e que algumas vezes até participa das arbitrariedades contra os outros, o que pode ser observado no trecho, “*ou então cada paisano e cada capataz com sua burrice fará jorrar sangue demais nos pantanais, nas cidades, caatingas e nos gerais*”, paisano são os não militares, ou seja, a sociedade faz justiça com as próprias mãos, com mortes em todos os lugares do Brasil, segundo essa estrofe. Caetano, com sua crítica, espera conscientizar a todos de que é preciso uma sociedade mais justa e menos tirana.

Ao se adotar nessa análise a língua como instrumento de comunicação, passamos a ver o sujeito do discurso como um indivíduo que não é dono de seu próprio discurso. Nessa concepção de sujeito, Caetano pensaria ser dono de seu discurso, porém ele é um locutor dependente, pensando ser livre e que está dizendo o que deseja, mas, na verdade, seu discurso expressa o que lhe é ideologicamente exigido pela posição em que se encontra, sendo porta voz de um discurso inserido em uma ideologia em que os enunciados são concepções inconscientes que rompem as cadeias da censura e o sujeito diz o que o autor não poderia dizer.

Ou seja, Caetano por ser opositor ao regime militar expressa em seu discurso repúdio e indignação contra as regras e os atos praticados pelos militares, por ser ele perseguido e censurado durante esse período, porém se fosse ele um militar que exercesse o comando contra a liberdade social e contra os direitos humanos seu discurso seria outro, porque estaria inconscientemente inserido em uma ideologia diferente.

O discurso do sujeito é favorável à posição ocupada por Caetano na sociedade e o sentido construído por meio da letra das canções do cantor favorecem os que sofreram perseguições, censuras ou foram contra o regime militar, assim como o cantor. Caetano, em sua letra de canção, expressa sua opinião contrária à ditadura, ou seja, o sujeito fala o que Caetano não pode dizer, sendo o discurso do sujeito contra a repressão, pois se as declarações fossem feitas pelo autor Caetano ele poderia ser censurado pelos militares.

Essa letra de canção também apresenta os elementos necessários para a coerência textual, em minha análise os elementos destacados por mim foram:

- o leitor pode inferir que a *América Católica* citada por Caetano é a América Latina;
- a intenção do autor é expressar seu desprezo contra as imposições militares e se manifestar contra elas;
- a situação que envolve o texto é um tempo de repressão da ditadura no Brasil;
- o autor se vê pressionado pela falta de liberdade, por isso faz críticas à sociedade na qual está inserido;
- a focalização de Caetano consiste em afirmar a tirania e a usurpação do poder;
- a informatividade do texto pode ser considerada de maior grau, nos dias de hoje, para alguns, pois teriam que buscar conhecimentos sobre o período da ditadura;
- há relevância nesta música, pois Caetano, em todo o texto, vem tratando de um mesmo tema; a crítica aos “poderosos”

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

A riqueza musical foi divulgada gradativamente neste trabalho, e acreditamos ter contribuído para que sejam compreendidos os sentidos e os significados das letras de canções como um recurso de que dispomos para compreender um universo histórico-social e cultural.

A letra de canção tem a função de buscar no leitor uma capacidade de interpretação, além de exigir a compreensão na identificação das referências comuns ao produtor e receptor da obra.

É evidente que a produção e a compreensão da intertextualidade sejam feitas por meio de temas que circulam na sociedade. Caetano Veloso apresentou em suas canções fatos reais de sua história, fazendo com que cada leitor pudesse identificar-se com sua literatura na elaboração de sua intertextualidade de alguma maneira.

A apreciação da contextualização nas canções de Caetano Veloso foi a tática de maior definição para nossa pesquisa por ser um artista considerado um representante social contra a ditadura, por expressar sua opinião contrária aos fatos polêmicos da época. As letras das canções, após analisadas, com certeza, enriquecem e ampliam o conhecimento cultural, histórico e literário, reproduzindo informações do nosso país.

É importante enfatizar a importância da bagagem cultural transmitida no sentido e no significado de cada letra de canção para a sociedade, como uma fonte histórica, focando não apenas os conteúdos, mas atentando para os recursos linguísticos empregados pelo compositor, pois, no diálogo com o texto original, o leitor é capaz de criar ou assimilar o sentido do texto, recontextualizando os traços linguísticos construídos pela intertextualidade.

Uma vez que as músicas são ouvidas pela sociedade, hoje livremente, devido à evolução tecnológica, nesta pesquisa, tem-se a oportunidade de contextualizar as letras das canções a sua realidade, ou a realidade de seus ascendentes. A letra de canção não pode ser vista apenas como um texto sem

sentimentos, devemos atentar para as emoções que ela nos promove, pois se o leitor é facilmente incluído na sociedade, ele faz parte das obras que contam a vida e carregam a memória de todos os cidadãos brasileiros.

Conclui-se, então, que a valorização do sentido e do significado na letra da canção, com todas as especificidades que proporcionam a obra de Caetano Veloso, foi identificada ao analisar a textualidade da letra de suas canções, relacionando à realidade histórico-social do sujeito.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BAKHTIN, Mikhail. **Problemas da poética de Dostoiévsky**. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1981.

BOULOS, Alfredo Junior. **História do Brasil**. São Paulo: FTD, 2001.

BULFINCH, Thomas. **História de Deuses e Heróis**. São Paulo: Martin Claret, 2006.

FÁVERO, Leonor; KOCH, Ingedore G. V. **Linguística textual: introdução**. 6. ed. São Paulo: Cortez, 2002.

GERALDI, João W. **Portos de passagem**. 4. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2003.

KOCH, Ingedore Villaça. **O texto e a construção dos sentidos**. São Paulo: Contexto, 1997.

\_\_\_\_\_. **Desvendando os segredos do texto**. 5. ed. São Paulo: Cortez, 2006.

\_\_\_\_\_. **O texto e a construção dos sentidos**. 8. ed. São Paulo: Contexto, 2005.

\_\_\_\_\_ et al. **Intertextualidade: diálogos possíveis**. São Paulo: Cortez, 2007.

KOCH, Ingedore Villaça; ELIAS, Vanda Maria. **Ler e Escrever: estratégias de produção textual**. 2. ed. São Paulo: Contexto, 2011.

\_\_\_\_\_. **Ler e compreender: os sentidos do texto**. São Paulo: Contexto, 2006.

KOCH, Ingedore Grunfeld Villaça; TRAVAGLIA, Luiz Carlos. **Texto e Coerência**. São Paulo: Cortez, 1989.

KURY, Adriano da Gama. **Dicionário Gama Kury da língua Portuguesa**. São Paulo: FTD, 2001.

MAINGUENEAU, Dominique. **Novas tendências em análise do discurso**. Trad. Freda Indursky. 3. ed. Campinas: Pontes, 1997.

\_\_\_\_\_. **Análise de textos de comunicação**. São Paulo: Cortez, 2001.

MAINGUENEAU, Dominique; CHARAUDEAU, Patrick. **Dicionário de análise do discurso**. São Paulo: Contexto, 2004.

MARCUSCHI, Luiz Antônio. **Produção textual, análise de gêneros e compreensão**. 3. ed. São Paulo: Parábola, 2008.

PÊCHEUX, Michel. **Semântica e Discurso - uma Crítica à Afirmação do Óbvio**. Campinas: Ed. da UNICAMP, 1983.

PLUTARCO. **Alexandre o grande**. Rio de Janeiro: Ediouro, 2004.

SIGNORINI, Inês. **Rediscutir texto, gênero e discurso**. São Paulo: Parábola, 2008.  
Blog do PNLD. **AI-5: Plenos poderes ao presidente**. Disponível em:  
<<http://pnld.moderna.com.br/2011/12/13/ai-5-pletos-poderes-ao-presidente/>>. Acesso em: 20 jul. 2012.

Ditadura militar no brasil. **Só história**. Disponível em:  
<<http://www.sohistoria.com.br/ef2/ditadura/>>. Acesso em: 20 jul. 2012.

**Lei da anistia no Brasil**. Disponível em:  
<<http://intrometendo.com/lei-da-anistia-no-brasil/>>. Acesso em: 20 jul. 2012.

Letras das músicas. **Terra musica**. Disponível em:  
<<http://letras.terra.com.br/caetano-veloso/>> Acesso em: 25 set. 2011.

Matar, Sérgio. **Tropicalista**. Disponível em:  
<<http://sergiomatar.com/?tag=tropicalista/>>. Acesso em: 20 jul. 2012.

Matos, Gregório de. **Sos estudante**. Disponível em:  
<<http://www.sosoestudante.com/poesias-de-gregorio-de-matos.html/>> Acesso em:  
09 jul. 2011.

Quem tem medo da democracia. **A guerrilha vista por dentro**. Disponível em:  
<<http://quemtemmedodademocracia.com/2011/10/14/camponeses-do-araguaia-a-guerrilha-vista-por-dentro-documentario-completo/>>. Acesso em: 20 jul. 2012.

Revista Época. **Biografia do cantor Caetano Veloso**. Disponível em:  
<<http://revistaepoca.globo.com/>> . Acesso em: 20 out. 2011.

Veloso, Caetano. **Índice de Biografias**. Disponível em:  
<<http://educacao.uol.com.br/biografias/>>. Acesso em: 20 out. 2011.

Veloso, Caetano. **Índice de Biografia**. Disponível em:  
<<http://www.vagalume.com.br/caetano-veloso/biografia/>>. Acesso em: 10 set. 2011.

Veloso, Caetano. **Lyrics Wiki**. Disponível em:  
<[http://lyrics.wikia.com/Caetano\\_Veloso/](http://lyrics.wikia.com/Caetano_Veloso/)>. Acesso em: 20 jul. 2012.

Voxmark. Disponível em:  
<<http://www.voxmark.com.br/2011/09/29/tropicalia/>>. Acesso em: 20 jul. 2012.